



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas

**BRASIL E ÁFRICA: JORGE DE LIMA E A LITERATURA AFRO-
NORDESTINA**

Miriane da Costa Peregrino¹

Resumo

A partir da correspondência pessoal preservada no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, abordaremos como o tema afro-nordestino é trabalhado na literatura do escritor Jorge de Lima (1883-1953) no momento em que o regionalismo nordestino era o movimento que se destacava no cenário literário brasileiro.

Palavras-chave: *Regionalismo. Afro-nordestino. Representação.*

*É preciso dizer que o presente trabalho nasce do processo de organização da correspondência do poeta alagoano Jorge de Lima (1883-1953) no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB/FCRB) onde fui bolsista entre 2014 e 2015. Dito isso, apontaremos alguns aspectos da biografia do escritor e seu arquivo.

¹ Doutoranda em Ciência da Literatura. Faculdade de Letras/UFRJ. Bolsista de Doutorado da CAPES. Email: miriane.peregrino@gmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

1 Jorge de Lima: itinerário biográfico e arquivo pessoal

Talvez seja possível afirmar que o itinerário biográfico de um poeta como Jorge de Lima comece em seu nascimento, dê conta de seus caminhos pelo mundo em vida e termine no repositório de sua intimidade no fundo de um arquivo de alguma instituição que preserva sua memória. Isso para simplificar e porque não queremos e nem poderíamos dar conta nesse trabalho da fragmentação de sua memória em outros fundos de arquivo, como por exemplo, o fundo da Editora e Livraria José Olímpio (onde o poeta foi editado e onde constam também cartas dele) ou na casa de cultura que leva seu nome no interior de Alagoas. Aqui diremos, então, que Jorge de Lima começou na cidade de União dos Palmares, em Alagoas, percorreu províncias em idas e vindas até o Rio de Janeiro, onde faleceu, até ser reduzido não a pó mas em vestígios de vida que tomaram a forma de fotografias, cartas, manuscritos, impressos, esculturas e livros guardados na casa de familiares e, enfim, doados para formação de seu arquivo pessoal no AMLB/FCRB. Dessa forma, o escritor permanece no tempo ressignificado na leitura e releitura de sua obra e de seus documentos.

Jorge de Lima se formou em Medicina, exerceu a profissão, mas nunca se limitou a ela. Reunia em seu consultório tanto pacientes quanto poetas. Assunto digno de nota de Mário de Andrade no *O Estado de São Paulo* em 8 jan 1939. Diz Mário: “Já muito se comentou, se elogiou e se caçoou sem maldade dessa espécie de salão literário, que é o escritório de médico do poeta” onde “há verdadeiramente duas salas de espera: uma para os clientes da medicina e outra para os clientes da poesia” e, assim, a “qualquer momento das horas de consulta, há sempre no escritório um doente e um poeta”. (ANDRADE, 1974, p. 45-46).

O poeta e médico foi ainda professor de Literatura na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, e foi um dos mais importantes poetas brasileiros da 1ª metade do século XX. Mantinha um consultório médico na Cinelândia e também se aventurou nas artes plásticas. Assim, a documentação de Jorge de Lima reflete a multiplicidade de interesses e



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

atividades do poeta e cobrem o período de 1925 a 1953. É formada por documentos manuscritos e datilografados e que são, na maioria, cartas, bilhetes, telegramas, originais de livros, impressos, recortes de jornais, folhetos, fotografias, desenhos e esculturas, objetos tridimensionais que apontam para as outras facetas do escritor - pintor e escultor. São, portanto, documentos de natureza arquivística, bibliográfica e museológica e foram doados em dois momentos:

- 2010, quando Mário Jorge de Lima, filho do poeta, doou 26 volumes encadernados de recortes de jornal;
- 2012, quando Maria Thereza Alves de Lima, filha do poeta, doou 30 caixas com o arquivo pessoal de Jorge de Lima.

Desse conjunto, e desse arranjo que não é definitivo (visto que a documentação está em fase organização), ressaltamos alguns aspectos da correspondência de Jorge de Lima. O maior volume da correspondência é passiva, sendo reduzida a correspondência ativa. Muitas cartas são manuscritas e em letras quase ilegíveis, dificultando bastante a leitura e compreensão do conteúdo. Embora a maior parte da correspondência esteja em idioma português, há muita correspondência em espanhol, inglês, francês, alemão e italiano. O conjunto de documentos da série Correspondência compreende Correspondência pessoal (Cp) e Correspondência de Terceiros (Ct), respectivamente, contabilizam 1.226 cartas e 34 cartas. Relacionamos, a seguir, alguns dos missivistas com maior volume de cartas enviadas ao titular do arquivo: 45 cartas de Alceu Amoroso Lima (1893-1983); 40 cartas de José Lins do Rego (1901-1957); 38 cartas de Mário de Andrade (1893-1945); 30 cartas de Manuel Anselmo (1911-1992); 26 cartas de Campio Carpio (1902-1989); 18 cartas de Daniel Rops (1901-1965) 11 cartas de Manuel Bandeira (1886-1968); 11 cartas de Ribeiro Couto (1898-1963); 05 cartas de Roger Bastide (1898-1974).

As cartas remetidas por José Lins do Rego, escritor paraibano, são umas das mais difíceis de ler. A letra de José Lins é quase inteligível, se fazendo



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

necessário a transcrição integral de suas cartas antes de realizar a descrição e resumo do conteúdo. A discussão sobre a função social do escritor e da literatura nordestina é constante nesse conjunto de cartas e também aparece em outros missivistas como, por exemplo, Alceu Amoroso Lima.

A necessidade de conhecer melhor a produção intelectual do titular do arquivo pessoal para organização e descrição de sua correspondência ativa e passiva levou-me a identificar em Jorge de Lima a produção de uma poesia afro-nordestina de temática muito próxima a produção literária em prosa da geração regionalista dos anos 30. Embora o poeta seja mais conhecido por sua fase católica – a última fase de sua poesia foi consagrada com a publicação de *Invenção de Orfeu* (1952) - verificamos que ele experimentou outras correntes literárias. Começou com o parnasianismo, mas produziu no auge da febre regionalista dos anos 1930 e 1940 e também teve destaque nesse meio abordando o regionalismo, o proletariado e a influência da cultura afro-brasileira na nossa formação identitária.

2. A construção da poesia afro-nordestina em Jorge de Lima

Abordaremos a seguir a construção da poesia afro-nordestina de Jorge de Lima a partir da correspondência do poeta e do trânsito entre as temáticas do regionalismo e da poesia afro-nordestina.

2.1. Na correspondência: indícios de preocupações poéticas

As cartas de Ismael Accioly são uma mostra de que Jorge de Lima também era um pesquisador da cultura nordestina e contava com isso na construção de seu tema poético. Correspondentes como Ismael Accioly colaboravam na reconstrução da memória de infância do escritor. Não é por acaso que o romance *Calunga* (1935) traz dedicatória para Accioly, além de Eugenia Alvaro Moreyra, Alvaro Moreyra, Idelfonso Falcão e José Mariz de Moraes. Érico Verissimo chega a comentar em carta de 1936, que o Prêmio Graça Aranha lhe deu muita satisfação e apesar disso considera que *Calunga*,



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Jubiabá e *Moleque Ricardo* eram livros melhores do que o seu *Caminhos Cruzados*, em 1935 e mais dignos do prêmio. Verificamos na referência de Verissimo que o romance de Jorge de Lima está em sintonia com a produção literária de escritores nordestinos como Jorge Amado e José Lins do Rego. Na verdade, a leitura de *Calunga* nos leva a crer que Jorge de Lima aprofunda o debate aberto por esses escritores no que diz respeito ao fim dos engenhos e avanço das usinas, sinalizando o capitalismo internacional como raiz do problema da desigualdade que se acentua entre as classes sociais no campo:

Para isso tanta desgraça planejada, bangüês comidos, senhores reduzidos à miséria, e atrás de tudo o homem do eito, da bagaceira, das limpas, das fornalhas, cambiteiros, metedores de cana, caldeireiros, trabalhadores de enxada, malalimentados, malvestidos, descalços, trabalhando noite e dia pra aguentar o bangüê, pro bangüê ser devorado pela usina e, por sua vez, o usineiro ser devorado por USA. Escorregando sobre os trilhos os ingleses apitavam as máquinas escangalhadas da Great Western of Brazil Railway, sugando senhores de engenho, usineiros, agricultores, de quatro estados, obrigados a tarifas forjadas em Londres explorando o cassaco trabalhador de suas linhas, tratando com o mesmo descaso que os senhores da terra. (LIMA, 1997, p. 15).

Em outra passagem, Lima aponta a corrupção da justiça:

Lula compreendia agora a lenda triste dos próprios bangüês dominadores no passado e hoje deglutinados pelas usinas. Só Catende tinha comido mais de cinquenta engenhos. Era uma história sangrenta de assassínios e de roubos, os trilhos da usina invadindo os bangüês, desvalorizando as terras do vizinho, adquirindo partes litigiosas noutras propriedades que originavam questões judiciais sempre resolvidas em favor do mais forte. (LIMA, 1997, p. 13).



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A possibilidade de *Calunga* virar filme está registrada em carta do francês René Le Vaux, de 7 de março de 1941. René fora apresentado a Jorge de Lima por Alceu Amoroso Lima que afirmou que ele tinha bom contato em Hollywood. Na carta de Alceu, contudo, fala-se em fazer um filme sobre *Anchieta* com a ajuda de Jorge de Lima. *Calunga* ou *Anchieta*, não há outros documentos no arquivo que confirmem se o projeto foi concretizado. Ficou o indício histórico, que por si só, e sem outras fontes que o confirmem ou complementem, mantém-se impreciso e inconcluso no tempo.

Por outro lado, podemos acompanhar a tradução de *Calunga* através das cartas do espanhol Campio Carpio (23 mar. 1936 – 26 jul. 1941) que vão desde a solicitação de ilustrações de Santa Rosa para edição castelhana até discussões sobre as dificuldades de traduzir as expressões regionalistas da obra. Campio declara ter intenção de traduzir *O país de carnaval*, de Jorge Amado, e a seleção de contos *Curiango*, de Afonso Schmidt, mas afirma não poder traduzir José Lins do Rego devido ao volume de páginas de suas obras.

Pensando o nordeste na correspondência de Jorge de Lima é impossível não destacar o conjunto de cartas enviadas pelo escritor paraibano José Lins do Rego. São 41 cartas manuscritas. Infelizmente, José Lins do Rego não tinha o hábito de colocar local e data nas cartas, ficando difícil precisar o ano da correspondência. Nessas cartas, José Lins pede a opinião de Jorge de Lima sobre seus livros. Conta que está com um romance na cabeça para escrever. Solicita que Jorge de Lima lhe envie livros franceses e ingleses. Preocupa-se com a divulgação de suas cartas e pede que Jorge de Lima não mostre as cartas a ninguém. Faz crítica aos intelectuais de esquerda e a literatura proletária. Fala de pressentimentos e de sua saúde nervosa. Conta como é sua vida em Maceió e afirma que deseja sair de lá. Pede que Jorge de Lima intervenha junto a José Américo de Almeida para conseguir uma promotoria no Rio de Janeiro ou em Minas Gerais. Afirma que em Maceió sente falta dos amigos que migraram para o Rio de Janeiro. Pede para Jorge de Lima revisar seu livro. Envia artigos para



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Jorge de Lima publicar no Rio de Janeiro. Informa que nos originais não colocou a dedicatória do livro e pede que Jorge de Lima a incluía da seguinte forma “a Gilberto Freyre, José Américo de Almeida, Jorge de Lima e Olívio Montenegro” - é mesma dedicatória que encontramos no romance *Menino de engenho*, publicado em 1932. José Lins pede informações sobre a repercussão de seus livros no Rio de Janeiro e as impressões dos intelectuais e críticos literários. Informa que Naná, sua mulher, está grávida. Pede para Jorge de Lima alugar um apartamento no Rio de Janeiro para ele e sua família. Comenta suas produções literárias: *Menino de engenho*, *Doidinho* e *Bangüê*. Autoriza Jorge de Lima a negociar a publicação de seus livros no Rio de Janeiro. Enfim, se expressam nas cartas laços de amizade e cumplicidade, mas também se desenham nelas as redes de sociabilidade do campo literário e as estratégias de publicação, circulação e tradução de obras naquela época.

*Caro Jorge,

Recebi a sua carta com a notícia de sua catapora. Esta noite você faz questão de ser novo. Waldemar e Aurélio [disseram] que acharam *O Anjo* maravilhoso. E só podia achar pois o seu livro tem criações, coisa pouco rara nesta nossa literatura de roedores de coisas de fora. Os rapazes da “proletária” são do mesmo feitio dos rapazes parnasianos de 1890, a mesma ambição de estar na moda. (...) O artigo de [Faria] sobre Jorge Amado está bom. Achei o Amado um sujeito de grandes qualidades. Desta gente da “proletária” é o único que me entra.

Escreva-me. De seu amigo, José Lins do Rego.

Quero lhe pedir uma coisa: não mostre as minhas cartas a ninguém. O que eu digo a você digo como a um irmão.

*O meu desastre com o *Menino de Engenho* em matéria não me fez tanto mal quanto o financeiro. E agora que ando cheio de dificuldades que você não avalia.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Vamos ver se *Doidinho* não me arrasa economicamente e me reabilita em outro sentido.

Espero a sua resposta para agir. O dinheiro seguirá logo que fique assinado o contrato. De que forma devo remeter o dinheiro? Para você ou para os editores? Queria, meu querido Jorge, que você tomasse a feito a edição deste livro senão esta vitória não sairá! É preciso que você esteja em cima dos homens. Você fará a revisão? Há umas alterações nos originais que mandou. Olívio Montenegro achou o livro uma delícia. Fez umas restrições secundárias, mas em todo gostou. (Cartas de JLR, s.d., Fundo Jorge de Lima, AMLB/FCRB)

No geral, os correspondentes de Jorge de Lima vão desde membros da revista católica *A Ordem* a intelectuais de esquerda. Ao nos apresentar as redes de sociabilidade de Jorge de Lima, o conjunto de cartas indica as estratégias de intercâmbio cultural entre escritores, críticos literários e editores num período em que a comunicação era, sobretudo, via postal. A troca de livros entre intelectuais brasileiros e estrangeiros é um assunto que marca praticamente todas as correspondências. Jorge de Lima se preocupou, inclusive, em remeter exemplares do estudo do crítico português, Manuel Anselmo, sobre sua obra: *A poesia de Jorge de Lima*. A negociação de traduções também é rico assunto nas cartas. Sua intensa e frustrada busca por um lugar na Academia Brasileira de Letras está registrada entre os anos de 1927 a 1952, nas trocas de correspondência com vários intelectuais.

A época em que vivem os missivistas também é revelada nas cartas. Mário de Andrade, um dos principais correspondentes de Jorge de Lima (38 cartas) faz referência as dificuldades que viveu durante a revolução de 30 e cita a prisão do seu irmão. As dificuldades de comunicação no contexto da II Guerra Mundial aparecem, por exemplo, na carta de uma editora americana Inter-American Publishing House – e a Gráfica Guarany Ltda, onde se justifica o atraso da finalização de um livro em função das demandas da guerra, afirmando que a



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

guerra deixava as tipografias cheias de pedidos do governo e, por isso, outras demandas de impressão estavam em atraso. A situação da mulher na literatura também fica expressa em carta de Maria Antonia de Campos Salles Franchini Netto (19 de junho de 1953), quando ela fala da organização do Concurso Feminino de Poesia e de seu esforço em colocar a coluna literária que escreve para um jornal em São Paulo acima do nível doméstico em que, geralmente, ficam as seções reservadas para as mulheres. Enfim, por todos esses aspectos, as correspondências do escritor se revelam uma preciosa fonte de pesquisa.

2.2. Do regionalismo a poesia afro-nordestina

Por volta de 1907, Jorge de Lima escreveu o poema O acendedor de lampiões que lhe renderia o título pomposo de “Príncipe dos Poetas Alagoanos”. Era sua 1ª fase de poesia, marcada pelo exercício parnasiano de respeito às regras de versificação, preciosismo rítmico e vocabular e preferência pela estrutura dos sonetos. A obra de Jorge de Lima, segundo a classificação do crítico Jorge de Sousa Araújo (1983) foi marcada ainda por mais duas fases: 2ª modernista onde o regionalismo e a poesia afro-nordestina marcam a produção de poemas livres e a 3ª e última fase marcada pela temática religiosa e mística. Sobre a última fase do poeta, Mário de Andrade afirmou que Jorge de Lima não desprezava “o academicismo e nem fez dele esse bicho-papão” que enfraquecia a arte da época (ANDRADE, 1974, p. 47). Embora tenha escrito também ensaio e prosa (o romance *Calunga*, 1935, o coloca lado a lado da prosa regionalista daquela época), Jorge de Lima entra para a história da literatura sobretudo como poeta.

Em 2013, a morte do poeta completou 70 anos e a efeméride foi marcada pela reedição de *Invenção de Orfeu*, obra erudita publicada em 1952 e marca a fase final da poesia de Jorge de Lima. Mais uma vez, a retomada da obra de Jorge de Lima é via a sua última fase, pouco ou quase nada sendo levantado das fases anteriores. Por outro lado, é preciso reconhecer que quando Jorge de Lima afastou-se da forma poética de sua 1ª fase, a crítica procedeu do mesmo



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

modo: exaltando a fase mais recente e menosprezando a anterior. Um bom exemplo é o artigo de José Américo de Almeida, publicado na Paraíba em *A União* a 22 jan 1928. Américo exaltava a 2ª fase do poeta, criticando a antiga rigidez parnasiana: “Jorge de Lima foi príncipe do soneto, eleito em Macéio” e nesse tempo “para versejar bastava ter um dicionário de rimas e saber contar... sílabas”. E continua afirmando que “antes de se falar em Modernismo no Brasil já todo o mundo estava enjoado dos requintes e da frialdade dos parnasianos uniformes”. (ALMEIDA, 1974, p. 69; 70). Na década de 1980, o estudo de Araújo procura retomar a visibilidade dos poemas da 2ª fase de Jorge de Lima:

Quando os críticos preferem apontar as excelências da palavra poética em Jorge de Lima somente a partir de sua produção derradeira (Anunciação e encontro de Mira Celi, Livro de Sonetos e Invenção de Orfeu), naturalmente desprezam a fase imediatamente anterior do poeta (...) Há, pois, um sentido neste trabalho que é o de tentar estabelecer valores próprios à poesia espontânea e densa de significados regionalistas inscrita nos Poemas, Novos poemas, Poemas escolhidos e Poemas negros. (ARAUJO, 1983, p. 13).

Em seu livro, Araújo afirmou que fez uso do termo afro-nordestino e não afro-brasileiro por entender que há especificidades nas características africanas no Nordeste. Ele apontou o poema “O mundo do menino impossível” como marco do traço modernista de Jorge de Lima e classifica e elenca os poemas dos livros *Poemas*, 1925; *Novos poemas*, 1927; *Poemas escolhidos*, 1929; e *Poemas negros*, 1947, apontando aspectos da literatura regionalista, afro-nordestina e política (literatura proletária) como vemos no quadro a seguir:

Livros/ Temas	<i>Poemas</i> 1925	<i>Novos poemas</i> 1927	<i>Poemas escolhidos</i> 1929	<i>Poemas negros</i> 1947
Poemas regionalistas e/ou	Plantas Painel de Nuno Gonçalves	Essa negra Fulô Maleita Inverno	Nordeste Felicidade Enchente	Todos os poemas são considerados afro-nordestinos



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

afronordes- tinos	Ave! Floriano – Padre Cicero – Lampião Calabar Boneca de pano	Santa Rita Durão Joaquina Maluca Poemas de duas mãozinhas		
Poemas políticos	X	X	Balada Fim Mulher proletária	X

O trânsito da poesia de 2a fase de Jorge de Lima entre o tema regionalista e o afro-nordestino é abordado por alguns críticos de sua época e aqui interessam três em particular: José Lins do Rego, nota publicada em 1927; José Américo de Almeida, nota publicada em 1928; e Gilberto Freyre, nota que prefaciou *Poemas Negros* em 1947. De modo geral, e esperado, os três louvaram a então nova fase de Jorge de Lima chamando atenção do leitor para a preocupação do poeta com a temática da sua terra, da sua gente e costumes do nordeste – o regionalismo. Mas é difícil identificar uma fronteira que demarca os limites dos dois temas, na verdade, a impressão que se tem é que ao produzir uma poesia afro-nordestina, Jorge de Lima está aprofundando o regionalismo. Rego e Freyre também mencionam a rivalidade entre os movimentos literários do nordeste e do sudeste, no caso Rio e São Paulo. Hoje, a crítica entende com clareza que o regionalismo não era um antagonista do modernismo, mas sim sua continuação e concretização em vários aspectos. Na época, contudo, a fronteira parecia mais demarcada, senão pelas ideias, pela geografia mesmo. (PEREGRINO, 2013).

Retomando a questão dos temas, as notas de José Lins do Rego e Gilberto Freyre são indicativas do trânsito fluído que os caracterizam e acabam por revelar, mais uma vez, a sintonia do pensamento crítico dos dois, ou antes, a poderosa influência exercida pelo sociólogo Gilberto Freyre sob aquela geração modernista como acertadamente frisaram Guillermo Giucci e Enrique Larreta (2007). A nota de José Lins do Rego é bastante citada entre os correspondentes



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

de Jorge de Lima. O crítico português Manuel Anselmo dialoga com ela no ensaio *A poesia de Jorge de Lima* (1939). Sem meias palavras, como era de seu hábito, Lins do Rego ataca o parnasianismo: “A sua literatura de antes era uma literatura fora do tempo e do espaço”; “Podia-se dizer de encher de satisfação a retórica”. (REGO, 1974, p. 139). A seguir, José Lins ataca o movimento modernista do Rio e São Paulo e exalta o regionalismo nordestino, comentando a importância dos novos versos de Lima:

Eu poderia dizer que com esse seu caderno de poemas o Nordeste teve o seu primeiro livro de poesia. (...) É vinda de dentro da terra, da vida sentimental do Nordeste, a maior parte dos poemas desse caderno. Quem os escreveu fez como um desterrado que a saudade conduziu ao retorno. (...) Porque o seu regionalismo não é um limite à sua emoção e não tem por outra parte o caráter de partido político daquele que rapazes de São Paulo oferecem ao país com as insistências de anúncios de remédio. *O regionalismo do jovem poeta nordestino é a sua emoção mais que a sua ideologia. O Nordeste não vem em sua poesia como um tema ou uma imposição doutrinária, vem como a expressão lírica de um nordestino evocar a sua terra.* (REGO, 1974, p. 142, *grifos meus*).

As últimas linhas grifadas no trecho acima destacam o argumento de José Lins do Rego sobre a autoridade que tinha Jorge de Lima, enquanto nordestino, para falar do nordeste em oposição aos “amadores de exotismo que vão à terra dos outros” (REGO, 1974, p. 142). Muito infelizmente não será possível aqui desenvolver a reflexão que o assunto merece e que continua tão atual: a representação. É imprescindível, contudo, confrontar este argumento de autoridade usado por José Lins do Rego com o de Gilberto Freyre em defesa de Jorge de Lima no prefácio de *Poemas Negros* (1947), quando o poeta recebe algumas críticas por falar sobre um assunto que não conhece por experiência: a condição do negro no Brasil.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Há quem fale em “gulodice de pitoresco” para procurar diminuir, com essa generalização de desprezo, *aqueles artistas e escritores do Nordeste que, não sendo de origem rigorosamente popular nem principalmente ameríndia ou africana, tem se dedicado ao estudo, à interpretação e até à expressão dos complexos mais característicos da região, ferindo nessa interpretação a nota de revolta contra os últimos preconceitos de cor confundidos com os de classe que mantém na miséria tantos descendentes brasileiros de africanos*. Entre tais “gulosos de pitoresco” estaria Jorge de Lima: *sua poesia afro-nordestina: poesia que não é a de um indivíduo pessoalmente oprimido pela condição de descendente de africano ou de escravo: a única que para os inimigos do “pitoresco” justificaria uma poesia, uma literatura, uma música, ou uma pintura brasileira, voltada com simpatia para o negro, o índio ou o mestiço. (...) Experiência brasileira não falta a Jorge de Lima: ele é bem do Nordeste*. (FREYRE, 1974, p. 158, *grifos meus*)

Nos trechos de José Lins e de Gilberto Freyre verificamos a origem nordestina como argumento de autoridade de representação, mas que se enfraquece quando confrontado com a origem étnica e social do sujeito. O crítico Antonio Rangel Bandeira em seu estudo *Jorge de Lima: o roteiro de uma contradição* (1959) aprofundou o debate da representatividade negra nos poemas afro-nordestinos, criticando o olhar da casa grande sobre a senzala.

3. Apontamentos finais

Como vimos, a obra de Jorge de Lima pode ser classificada em pelo menos três fases e dessas, podemos inferir que a que tem maior poder de comunicação é a da 2ª fase, próxima ao movimento regionalista e a poesia afro-nordestina. A poesia católica é a mais erudita de Jorge de Lima certamente tem um público mais seletivo.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILEIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Outro aspecto que não foi abordado aqui mas pode colaborar para um releitura do poeta é o ensaio *Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien* (As bases históricas e nacionais para o futuro desenvolvimento da cultura do povo brasileiro [tradução livre]) escrito em alemão pelo brasileiro Jorge de Lima. No processo de organização da correspondência do poeta (que também era ensaísta) no AMLB/FCRB não localizei a obra impressa do ensaio e nem tradução para o português. Mas as cartas, embora não conclusivas, nos fornecem algumas pistas: o ensaio teria sido escrito entre fins de 1920 e publicado na Alemanha no início de 1930. Jorge de Lima era quase um autodidata na escrita em alemão, como elogia o professor austríaco Ludwig Schwennhagen, no entanto, as cartas também confirmam que ele conviveu, durante alguns anos no nordeste com uma enfermeira alemã, Emmy Mattdias.

Jorge de Lima, como procedia com todas as suas obras, remeteu para universidades norte-americanas exemplares do ensaio publicado em alemão – há várias cartas de acusação de recebimento do livro. Nas correspondências foi possível mapear que o ensaio foi publicado com o apoio do diplomata brasileiro Idelfonso Falcão, amigo e intermediário de Jorge de Lima na Alemanha junto a editores daquele país. Numa das cartas, Falcão confirma que recebeu o ensaio e entrará em contato com editores para viabilizar a publicação do livro. A Legação da Alemanha (28 fev 1935) e a Embaixada da Alemanha (12 set. 1938), ambas no Rio de Janeiro, acusam recebimento da obra e tecem comentários sobre a mesma, satisfeitos em saber que há brasileiros que admiram a Alemanha de Adolf Hitler (comentário que, a princípio, diz mais sobre a embaixada do que sobre a posição política de Jorge de Lima). O professor inglês naturalizado norte-americano, Ronald Hilton, em correspondência enviada a Jorge de Lima entre 1951 e 1952, afirma que as ideias raciais apresentadas no ensaio *Rassenbildung...* deveriam ser comparadas as ideias de Euclides da Cunha, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre. Em carta de 25 fev 1927, o professor Ludwig Schwennhagen, que lecionou história e filologia no norte do Brasil, também



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

comenta o ensaio. Terminamos esse trabalho com perguntas: que ideias raciais esse ensaio apresenta? Como elas podem contribuir para releituras de Jorge de Lima? Seria possível relacionar o ensaio com a poesia afro-nordestina?

É preciso lembrar que Jorge de Lima, por sua crítica social, foi chamado por alguns de comunista. Ricardo [Kutchum], em carta enviada de Santiago do Chile a 18 jul 1952, informou que o *El Mercurio* publicou que o congresso de escritores que estava sendo organizado era uma iniciativa comunista e mencionou que o diário citava o nome de Jorge de Lima e outros escritores brasileiros como membros do Partido Comunista. Como afirmou Luís Bueno (2006), a primeira metade do século XX era de uma intensa disputa ideológica, mas só o distanciamento na história e no tempo nos permitiria notar com mais clareza as tendências políticas dos intelectuais daquela época. Podemos dizer que Lima tenha vivenciado, esteticamente e por um curto período, o realismo socialista em seus poemas que abordam os proletários e as condições de vida da população mais pobre das províncias nordestinas. No entanto, é preciso lembrar que a temática cristã já estava presente nas suas primeiras produções literárias e que, depois de sua conversão ao catolicismo em 1935, essa condição marcará sua obra de forma definitiva.

4. Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, J. A. de. Nota. In: LIMA, J. *Poesias Completas*. Vol. I, Brasília, INL, 1974.
ANDRADE, M. de. Nota. In: LIMA, J. *Poesias Completas*. Vol. II, Brasília, INL, 1974.
ANSELMO, M. Nota. In: LIMA, J. *Poesias Completas*. Vol. I, Brasília, INL, 1974.
ARAÚJO, J. *Jorge de Lima e o idioma poético afro-nordestino*. Maceió: Edufal, 1983.
BANDEIRA, A. R. *Jorge de Lima: o roteiro de uma contradição*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.
BUENO, L. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: Edusp, 2006.
FREYRE, G. Nota. In: LIMA, J. *Poesias Completas*. Vol. I, Brasília, INL, 1974.
GIUCCI, G. & LARRETA, E. R. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
LIMA, J. *Calunga*. 4a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
LIMA, J. *Poemas Negros*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2007.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL
AFRICANIDADES E BRASILDIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

PEREGRINO, M. *"Literatura de príncipe herdeiro" ou literatura engajada? Dilemas de José Lins do Rego*. Dissertação de Mestrado em Letras. Instituto de Letras. UERJ. Rio de Janeiro, 2013, 140p.

REGO, J. L. Nota. In: LIMA, J. *Poesias Completas*. Vol. I, Brasília, INL, 1974.